



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



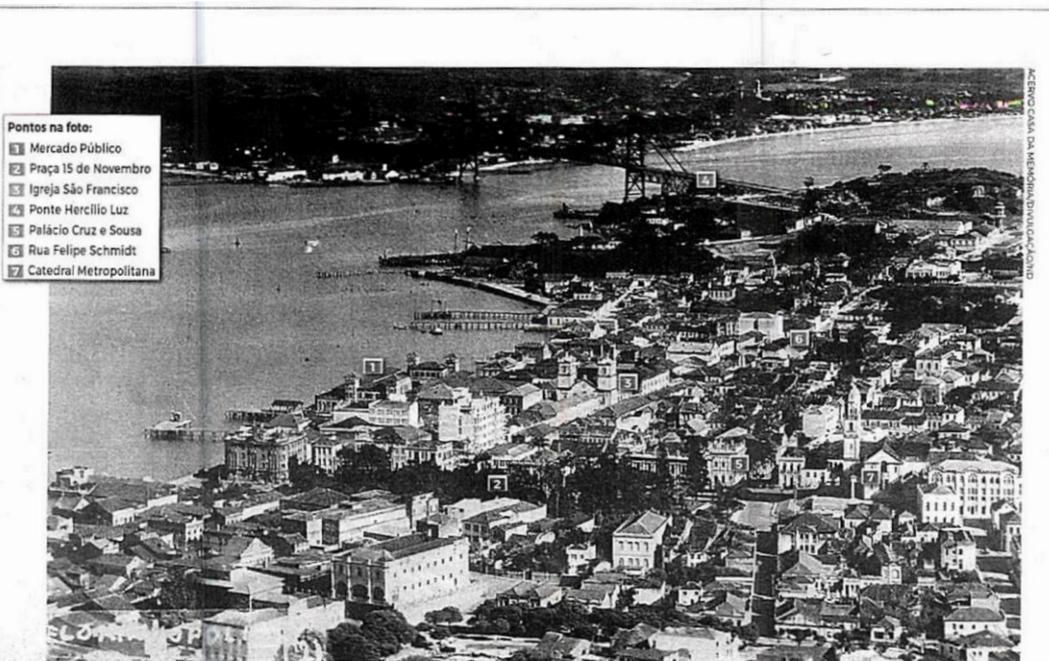
Agcom
Agência de
Comunicação
da UFSC

24 e 25 de dezembro de 2016

Notícias do Dia Cidade

“O futuro encomendado”

O futuro encomendado / Livro / Florianópolis / Santa Catarina / Reinaldo Lindolfo Lohn / Artífices do futuro – cultura política e a invenção de Florianópolis (1950-1980) / Editora Insular / Ilha de Santa Catarina / Urbanismo / Celso Ramos / Plameg / Hercílio Luz / Juscelino Kubitchek / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina / Plano Diretor / Expansão urbana



A cidade antes da construção do aterro e das pontes novas. O Plano Diretor de 1955 previa uma “avenida tronco” ligando bairros continentais e insulares

O futuro encomendado

Historiador mostra em livro os interesses políticos e econômicos que transformaram Florianópolis na cidade que é hoje

PAULO CLÓVIS SCHMITZ
pc@noticiasdoDia.com.br

A metade da população que é nativa, mas também parte da que veio de fora, pode se perguntar como Florianópolis se transformou no que é hoje em dia. Como nada é por acaso, houve razões para a cidade ter chegado ao estágio atual, de precária mobilidade e pressão extrema sobre os recursos naturais. E, também, de supervalorização imobiliária, muito dinheiro em circulação, investimentos em alta e conceito de centro urbano com elevada qualidade de vida. Há as circunstâncias difíceis de controlar, há o imponderável, mas muito do que se vê decorreu de decisões tomadas lá atrás, por uma elite política e econômica que vislumbrou a possibilidade de ganhar muito com a vocação turística da Capital – já que a indústria, em Santa Catarina, tinha fincado raízes no Norte e no Vale do Itajaí, especialmente, e o porto local foi perdendo importância até ser de-

finitivamente desativado.

As articulações que resultaram no perfil atual da cidade são objeto de estudos do professor e historiador Reinaldo Lindolfo Lohn, que reuniu um vasto material na tese de doutorado e, de forma mais resumida e metódica, no livro “Artífices do futuro – Cultura política e a invenção de Florianópolis (1950-1980)”, lançado em novembro com o selo da editora Insular. Na obra, o autor busca nas políticas públicas, nas opiniões da imprensa e na baixa autoestima dos florianopolitanos da década de 1950 a gênese das mudanças que converteram o ilha de Santa Catarina, então tomada pelo marasmo, na ilha pulsante e problemática do século 21. “Boa parte do que foi planejado se realizou”, diz o historiador, ressaltando que o cenário vigente é fruto de vontades e anseios que a cidade alimentava no período em que precisou escolher um caminho a trilhar.

O livro não tem a pretensão de falar de urbanismo, mas de resolu-

“

Capitalistas compraram grandes glebas de terra no interior da Ilha, já prevendo a expansão para aquelas áreas. Eram investimentos seguros, que levavam em conta as belezas naturais e o futuro que se desenhava para a cidade.”

Reinaldo Lindolfo Lohn, autor de “Artífices do futuro – Cultura política e a invenção de Florianópolis (1950-1980)”

ções – muitos delas nada consensuais – que vieram a partir da década de 1950, quando até a garantia de Florianópolis manter o status de capital do Estado estava ameaçada. Com o plano de metas do governador Celso Ramos (o Plameg), no início dos anos 60, a cidade sofreu importantes intervenções, os investimentos públicos foram incrementados e o Plano Diretor aprovado em 1955 (o primeiro da história do município), deixado

de lado. Ali, o eixo de desenvolvimento foi direcionado para o lado Norte, já com vistas aos projetos turísticos, de lazer e imobiliários pensados para Jurerê e Canasvieiras, por exemplo. Depois, a construção da SC-401 e da avenida Beira-Mar Norte (esta, a partir do aterro mecânico que desmontou o morro do antigo cemitério que ficava na região do Parque da Luz) deixou claro para onde seguia a cidade naquele momento. ●

Da sensação de atraso à expansão

Plano diretor abandonado, a inviabilização da operação de embarcações grandes, os aterros e os

No livro, Reinaldo Lohn fala da ilha no início do século 20, já despossuída da importância militar e estratégica que teve no passado colonial. Após os anos áureos dos governos de Hercílio Luz (1918-1924), que investiu na implantação de redes de estradas, energia e saneamento e ergueu a ponte que leva o seu nome, Florianópolis entrou numa fase de letargia que coincidiu com a depressão entre-guerras e a crise mundial de 1929. A segunda guerra mundial afetou o comércio internacional, e o enfraquecimento das empresas de importação e exportação que agitavam o porto da cidade forçou as elites locais a voltarem os olhos para outras opções econômicas.

O projeto nacional-desenvolvimentista implantado a partir do governo de Juscelino Kubitschek priorizou o transporte rodoviário, baqueando o comércio marítimo, grande propulsor dos negócios no século 19. No plano local, o assoreamento da baía Norte foi inviabilizando as operações de embarcações com grande calado, seja no terminal da ilha, seja no Continente, de onde saía muita madeira para outros centros do país e nações vizinhas. Empresas como a Cia. Hoepcke, dona de navios de carga e passageiros, indústrias e lojas comerciais, mudaram de ramo e diversificaram sua atuação. O mesmo se deu com as famílias Wendhausen, Horn, Meyer, Moellmann e Busch, comerciantes e atacadistas de destaque, que além da agonia do porto pagaram caro pelas restrições comerciais dos Estados Unidos em relação a empresas de sobrenome alemão, por supostas colaborações com o Eixo.

O desmembramento de centenas de chácaras na área central que abrigavam famílias abastadas para criar projetos imobiliários foi uma das opções que as classes dirigentes vislumbraram para compensar a queda do movimento no comércio. "Capitalistas compraram grandes glebas de terra no interior da ilha, já prevendo a expansão para aquelas áreas", conta Reinaldo Lohn, que é professor da Udesc. "Eram investimentos seguros, que levavam em conta as belezas naturais e o futuro que se desejava para a cidade".



O aterro com a ponte Colombo Salles, ainda sem os equipamentos, que hoje estão no local, como os terminais urbanos

Investimentos no Norte da Ilha

■ O livro de Reinaldo Lohn deixa claro que os planos diretores e os projetos feitos por técnicos do governo não prevaleceram sobre as disputas políticas na construção da ideia de cidade. A alternância de poder entre duas legendas formadas no fim do Estado Novo, a UDN (União Democrática Nacional) e o PSD (Partido Social Democrático), interferiu nesse processo, porque quebrava o andamento de alguns projetos para dar curso a outros, de acordo com os interesses em jogo. As famílias Konder e Bornhausen, da UDN e com origem no Vale do Itajaí, puxavam para um lado, ao passo que os Ramos (de Nereu, Aderbal, Celso e outros), mais voltados para Florianópolis, adotavam políticas próprias de desenvolvimento para o Estado e a Capital. É o que o autor chama de "uso político do futuro".

A silhueta urbana que existe hoje, com os aterros e pontes entre ilha e Continente, destoa drasticamente do desenho do Plano Diretor de 1955, que previa uma "avenida tronco" ligando bairros continentais (pensados inicialmente para sediar indús-

trias) e insulares, com um eixo viário que priorizava o Sul da ilha. Elaborado por técnicos trazidos de Porto Alegre, o plano foi abandonado na medida em que o Norte passou a representar a chance de retorno mais rápido do capital investido. A implementação da Via de Contorno Norte e a instalação do campus da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) na Trindade, em área até então considerada rural, sinalizavam que o crescimento urbano seguiria naquela direção.

"Entre o final dos anos de 1960 e a década seguinte, uma equipe comandada pelo urbanista Luiz Felipe da Gama Lobo d'Eça começa a elaborar o Plano de Desenvolvimento Integrado da Área Metropolitana de Florianópolis, proposto durante a gestão do prefeito Acácio Garibaldi S. Thiago e apresentado finalmente no governo de Colombo Salles", conta Reinaldo Lohn. Esse projeto seria a base para o Plano Diretor de 1976, que igualmente não alterou a tendência de expansão urbana na direção das praias do Norte. O tema dos acessos

“

Boa parte do que foi planejado se realizou”,

diz Lohn, sobre o cenário de hoje, fruto de vontades e anseios que a cidade alimentou no período em que precisou escolher um caminho a trilhar

ganhou ores de urgência quando, ainda no governo de Ivo Silveira (1966-71), cresceu a suspeita de que a ponte Hercílio Luz, já recebendo 18 mil veículos por dia, poderia entrar em colapso, pela sobrecarga e pelo desgaste dos materiais.

A construção do aterro hidráulico da baía Sul e da ponte que levou o nome de Colombo Salles (considerado depois "o melhor prefeito que a cidade já teve"), inaugurada em 1975, ocorreu paralelamente à implantação da rodovia até Canasvieiras.

ACERVO CASA DA MEMÓRIA/DIVULGAÇÃO

urbana de hoje

projetos imobiliários mudariam de vez a cara da cidade

Uma das polêmicas, área aterrada virou praça de estacionamento e ainda tem espaços ociosos



O historiador Reinaldo Lohn

Saiba mais:

Plano diretor e estrutura

■ O Plano Diretor de 1955 previa uma estação marítima no continente e a possível utilização do mar como alternativa de acesso e transporte.

■ A BR-101 foi batizada de "estrada do turismo", porque traria pessoas de fora para usufruir o que Florianópolis tinha a oferecer em opções de lazer.

■ Com a transformação das chácaras urbanas em loteamentos e novas vias públicas, as famílias de melhor condição de vida passaram a ocupar ruas e avenidas como a Trompowsky, Rio Branco, Esteves Júnior, Alves de Brito e Nereu Ramos, além da Chácara do Espanha.

■ O 1º Congresso de História Catarinense, realizado em 1948, resgatou definitivamente o homem do litoral e valorizou a figura do colonizador açoriano, até então visto como pouco vocacionado para o progresso.

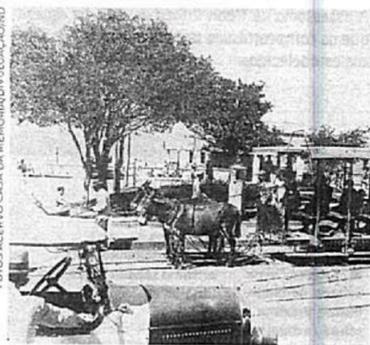
■ Florianópolis se envergonhava de não ter milionários e de ser a menor capital do Brasil; muitas pessoas, inclusive na imprensa, viam o patrimônio arquitetônico original (de matriz portuguesa e açoriana) como símbolo do atraso da sociedade local. A energia elétrica chegou para valer só em 1964.

■ O Clube Penhasco, com formas arredondadas e formato de disco voador, foi recebido como um símbolo da modernização de Florianópolis.

■ A construção de rodovias em direção às praias criou o hábito de uma segunda residência nos balneários e passou a ser um sonho de consumo de muitas famílias.

■ As obras de infraestrutura priorizaram áreas específicas, como ocorreu na região do Itacorubi, onde foram implantadas a Acaresc (depois Epagri), a Cidasc, a Udesc, a Telesc, a Celesc e a Fiesc.

FOTOS: ACERVO CASA DA MEMÓRIA/DIVULGAÇÃO



Os bondes e os primeiros carros (à esq.), o primeiro aterro, no limite do hospital de Caridade e o Forte Santa Bárbara (centro), e a ponte Hercílio Luz



ACERVO UDESC/DIVULGAÇÃO

A cidade provinciana e distante do progresso

■ Houve um tempo em que a pasmaceira da rotina florianopolitana era vista como sinônimo de atraso e os moradores lamentavam que a Capital fosse suplantada em tudo por cidades como Joinville e Blumenau, industrializadas e dinâmicas. A imprensa e a própria literatura, na pena de Othon d'Êça, por exemplo, desenhavam uma cidade provinciana, de pescadores empobrecidos, e lamentavam que o progresso estivesse tão distante. A vocação portuária era encarada como a solução, mas tudo confluía para o rumo opo-

sto, até que o turismo e os projetos imobiliários surgiram como alternativa mais identificada com as características da cidade.

No livro de Reinaldo Lohn há um capítulo inteiro dedicado às pesquisas e à obra pictórica e documental de Franklin Cascaes, entendido ao mesmo tempo como um saudosista e um crítico das transformações que desvirtuavam os hábitos e costumes dos colonizadores açorianos. "Ele fazia uma leitura muito pessoal, de cunho social e político, que vinha acompanhado da apro-

priação e da expropriação das terras dos antigos moradores".

A criação de uma classe média urbana, sobretudo depois da implantação da UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina) e da vinda da Eletrosul, demandou serviços públicos novos e mais eficientes. Esse processo vai se aprofundar daqui para frente, na visão de Lohn, exigindo maior qualificação no transporte coletivo e atraindo investimentos que melhorem o padrão do turismo receptivo, um filão do qual Florianópolis já não pode mais abrir mão.

Notícias do Dia Panorama

“Uma das startups mais atrativas do país em 2016”

Uma das startups mais atrativas do país em 2016 / Alexandre de Ávila Leripio / Santa Catarina / Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção / UFSC / LCG / Leripio Consultoria em Gestão / InovAtiva Brasil / MDIC / Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços / Sebrae



Panorama

16. NOTÍCIAS DO DIA
FLORIANÓPOLIS, SÁBADO E DOMINGO, 24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2016

ALESSANDRA OGEDA
alessandra.ogeda@noticiasdodia.com.br
Twitter: @aleogeda | Instagram: aleogeda

Uma das startups mais atrativas do país em 2016

O engenheiro agrônomo gaúcho Alexandre de Ávila Leripio, 47 anos, vive há duas décadas em Santa Catarina, Estado onde ele se formou como doutor em Engenharia de Produção na UFSC e onde fez a maior parte de sua carreira. No currículo dele se destacam os 16 anos como professor da Univali de Itajaí e a vocação empreendedora. Ele fundou a LCG (Leripio Consultoria em Gestão) no ano 2000, companhia que atendeu, neste período, cerca de 3.000 empresas e onde, há três anos, surgiu a ideia da Sumá, eleita no programa InovAtiva Brasil do MDIC (Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços) e do Sebrae uma das 14 startups mais atrativas do país para investidores.

Em fase ainda pré-operativa, como define Leripio, a Sumá tem uma proposta com potencial para revolucionar o mercado: empoderar os agricultores familiares e tornar a cadeia de produção de alimentos do país mais justa, resolvendo também o problema do abastecimento da agricultura familiar da merenda escolar e para as refeições coletivas. Neste tempo, a Sumá foi reconhecida por diversos programas e premiações (confira na arte).

Agora, Leripio e os seus quatro sócios, incluindo a mulher dele, se preparam para lançar a plataforma da empresa em janeiro de 2017, já prevendo a versão 2.0 para maio ou junho. O foco do primeiro ano de operação será a região Sul, com a expectativa da solução da Sumá chegar a quase 2.000 agricultores, envolver 180 extensionistas rurais e intermediar compras do ordem de R\$ 1,6 milhão. O planejamento para 2018 é chegar a 4.846 agricultores, 450 extensionista e intermediar R\$ 4,5 milhões. Confira, a seguir, a entrevista feita com o fundador da Sumá. ●



A gente tentou fazer tudo muito direitinho, seguindo métodos, ouvindo os interessados, e nós tivemos o reconhecimento de que somos uma das startups mais atraentes do Brasil.

Alexandre de Ávila Leripio,
fundador e sócio da Sumá



A ideia da Sumá, criada por Alexandre Leripio, nasceu do problema da merenda escolar

Alexandre Leripio ■ sócio da Sumá

A Sumá foi escolhida uma das 14 startups mais promissoras para investidores do país no segundo ciclo do InovAtiva Brasil. O que esta visibilidade representa para vocês?

Representa muito na medida em que o nosso projeto é uma iniciativa já de três anos. É a coroação de um reconhecimento desta fase pré-operacional. A gente tentou fazer tudo muito direitinho, seguindo métodos, ouvindo os interessados, os potenciais usuários, deixando tudo isso registrado, e nós tivemos o reconhecimento de que cumprimos as tarefas e que somos uma das startups mais atraentes do Brasil. Isso nos lisonjeia mas também cria uma responsabilidade muito grande para a nossa fase operacional, que vem em seguida.

O que o senhor destacaria dos processos de mentorias pelas quais vocês passaram?

Olha só que interessante: que não deveríamos trabalhar com foco em alimentação escolar. Isso para nós foi uma surpresa enorme.

A proposta de vocês chama a atenção pelo potencial de encurtar cadeias de consumo, aproximando o produtor do consumidor final. É nesta linha que vocês vão trabalhar?

Sugeriram isso para a gente até antes do InovAtiva. Esse foi um insight do Social Good Brasil. E o insight veio de uma mentoria que, em um primeiro momento, não foi muito bem aceita por nós. Porque a gente tinha como missão do Sumá causar impacto positivo na alimentação escolar porque entendíamos que este é o elo mais frágil. É uma pena no Brasil que o governo é quem mais gasta em um

determinado território mas é sempre quem ganha o produto de menor qualidade. Aí o mentor chegou para nós uma vez e falou assim: “Vocês já estão separando aí no modelo de negócios de vocês uma graninha para a propina?”. Puxa, a gente é super contra isso. Dissemos “Não, que absurdo”. E ele disse assim: “Tu é uma startup, ninguém te conhece, tu não tem músculo nenhum, e tu quer vender para governo? Tu vai cair na mão de um cara destes. A minha sugestão é a seguinte: são só os compradores públicos de alimentos que precisam de fornecedores qualificados? Não. Hotéis, restaurantes, quartéis...”. E aí, a partir da provocação dele, a gente viu que, na verdade, a ferramenta podia servir para todo mundo que compra alimentos.

Quais são, então, os principais públicos-alvo da plataforma da Sumá?

A ideia é primeiro pensar em quem compra muito e sempre, que são as empresas de refeições coletivas, os refeitórios industriais, quartéis, hospitais privados, restaurantes de grande movimento e etc., e em um segundo estágio, bares e restaurantes de menor porte. Em um terceiro passo estaria o consumidor final que compra cesta. Então a gente está olhando primeiro para os dois primeiros, que a gente sabe que tem uma coisa em comum, o agricultor familiar, o cara que está produzindo para fornecer para todos. As soluções que estas empresas têm são de gestão de fornecedores. Não importa se eles estão comprando um parafuso ou uma batata, eles compram do mesmo jeito. E não é do mesmo jeito.

Raio-X

HISTÓRIA

- Surgiu de uma ideia em 2013 e foi incubada, desde então, na LCG Consultoria, empresa criada 10 anos antes
- A Sumá, com razão social Bona-Fides, foi criada em junho de 2016

PREMIAÇÕES

- Aprovada no Programa Tecnova da Fapes/Finap
- Finalista da Etapa Nacional do Prêmio Santander Universidades por meio da Univali, foi escolhida um dos 3 melhores projetos de Ciência e Inovação em 2015
- Finalista do Social Good Brasil Lab, selecionada entre os 25 melhores projetos
- Selecionada pelo Sinapse da Inovação da Fapes (em andamento)
- No 2º Ciclo do InovAtiva Brasil deste ano foi escolhida uma das 14 startups mais atraentes do país para investimentos e foi eleita uma das duas startups de Impacto Social mais atraentes
- Selecionada pelo FB Start do Facebook

PREVISÃO DA

EMPRESA PARA 2017

1.939 agricultores
180 extensionistas da Epagri/Emater
R\$ 1,6 milhão de compras intermediadas

Fonte: Sumá

Confira detalhes sobre a proposta da Sumá na entrevista completa com Leripio no NDOnline



Notícias do Dia
Revista Plural

“No imaginário infantil”

No imaginário infantil / Lendas populares / Livro infantil / Eloí Bocheco /
Poesia / Literatura / Dane D’Angeli / Editora Habilis Press / Pedras Soltas /
EdUFSC / Academia Catarinense de Letras

No imaginário infantil

Autora catarinense dá
vida poética às lendas
populares em livro infantil

FÁBIO BISPO

fabio.bispo@noticiasdodia.com.br

Pode parecer clichê, mas o encontro poético com o brincante Saci, o atento Curupira, o valente Negrinho do Pastoreio, a assustadora Pisadeira, o belo Cobra Norato, o luminoso Caboclo D’água, a esvoaçante Iara, a reluzente mula-sem-cabeça, o esperto Pedro Malazartes, o melodioso Uirapuru, a alva Mani, o incandescente Boitatá, a imprevisível Matinta e outras encantadoras miragens, podem ser capazes de aflorar nossos sentimentos mais enclausurados. Nossa fantasia mais eloquente. Ou uma memória há muito perdida.

Referência fundamental para as crianças do campo nos anos de 1960, “Cobra Norato e Outras Miragens” (2016), de Eloí Bocheco, é um presente do passado. De um tempo em que a literatura só chegava à zona rural de forma oral: “Com exceção de Cobra Norato, que conheci no ensino médio, os outros personagens me foram apresentados na infância e me seguiram pela vida afora, guardados nos arquivos da memória”, conta Eloí.

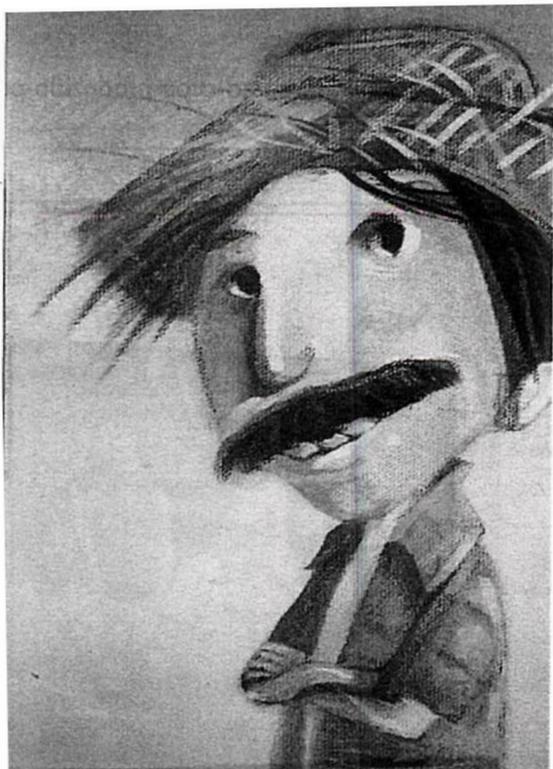
Nas 52 páginas da obra, através de textos poéticos, a autora aproxima o leitor do mistério natural das lendas, gênero que valoriza as crenças e a cultura do nosso povo. É uma boa pedida aos educadores que buscam levar esses encantos para as salas de aulas. Com um indicção bastante elástica capaz de fascinar desde os pequenos até os mais grandinhos, que não passarão incólumes às miragens arraigadas do nosso imaginário popular.

A obra é ilustrada pelo artista gaúcho Dane D’Angeli, que através do diálogo com os versos mergulha no mundo lúdico imprimindo cenas de grande força imagética a cada um dos personagens do nosso folclore.

“Homenageá-las, em verso ou prosa, é um modo de regar raízes caras à memória e, também, uma forma de cultivo de parte de um repertório imprescindível da cultura oral brasileira”, afirma a autora.

REPRODUÇÃO DE IMAGENS: MARCO SANTIAGO/ND





Do tempo em que a literatura só chegava à zona rural de forma oral, Eloí Bochecho resgata lendas como do Curupira e Pedro Malazartes, personagens da infância dos brasileiros



ELOÍ ELISABET BOCHECHO

Nasceu no ano de 1955, em Zortéa, interior do Estado de Santa Catarina, onde morou até seus 12 anos. *Cursou Letras (1980), na Universidade de Passo Fundo (RS), e Pós-graduação em Alfabetização e Metodologias de leitura, na Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc/1986). Atuou no Magistério Público de Santa Catarina como professora alfabetizadora, nas disciplinas de Língua Portuguesa e Literatura, bem como animadora cultural no espaço da Biblioteca escolar, aposentando-se em 1998.*



"Cobra Norato e Outras Miragens"

De: Eloí Bochecho
Ilustrador: Dane D'Angeli
Editora: Habillis Press
Preço: R\$ 34

Afeição aos CAUSOS

Esta é a 22ª obra infantil de Eloí, que também participou de várias antologias, dentre as quais, "Cuentos Infantiles Brasileños", editada na Costa Rica e organizada por Ninfa Parreiras e Glória Valladares Grangeiro. Foi responsável, junto com a professora Zenilde Durli, durante dez anos, pela pauta do Jornal de Literatura Infantil e Juvenil "O Balainho", da Unoesc (Universidade do Oeste de SC).

A proposta do livro nasceu quase que de uma necessidade íntima de Eloí, que guarda viva na memória os causos, as brincadeiras e a maneira de se relacionar por meio dessas figuras e miragens lúdicas:

"Cobra Norato e Outras Miragens" surgiu do desejo de registrar poeticamente algumas figuras do folclore brasileiro pelas quais tenho enorme afeição. Cresci ouvindo, repetidas vezes, as histórias destes personagens, nos serões, através dos contadores e declamadores de minha infância", explica.

Autora coleciona PREMIAÇÕES

Eloí iniciou na literatura em 1998, escrevendo crônicas no jornal "A Notícia", de Joinville. Em 2006, as crônicas resultaram no livro "Pedras Soltas", publicado pela EdUFSC e premiado pela Academia Catarinense de Letras como livro do ano na categoria crônicas.

Logo na sua estreia como escritora, Eloí foi agraciada com prêmio Boi-de-mamão da Câmara Catarinense do Livro pela publicação de "Uni. Duni.Têia" (1998), da editora Papa-Livro. Desde então, não parou mais de publicar para o público infantil e juvenil em várias editoras (Paulinas, Melhoramentos, Dimensão, Saraiva, Habillis Press, CEP, dentre outras). Entre os destaques de sua obra está "Beatriz Em Trânsito" (2007), da editora Dimensão, que recebeu vários prêmios, entre eles o Mario Quintana, da Biblioteca Internacional de Munique, Minc, Catálogo de Bolonha, entre outros.

O livro pode ser encontrado pelo site da editora - <http://habillispress.com/produto/108/cobra-norato-e-outras-miragens> - e pode ser enviado para todo o Brasil.



Portas abertas para os bons velhinhos / Boa ação / Idoso / Ceia de Natal / Asilo Dom Bosco / Itajaí / Núcleo de Estudos da Terceira Idade / Neti / Universidade Federal de Santa Catarina / UFSC / Maria Cecília Antonia Godtsfriedt / Sociedade Espírita de Recuperação Trabalho e Educação / Serte / Florianópolis / Rosarita Bousdfield

SUA VIDA | BOA AÇÃO

DIÁRIO CATARINENSE, 30
SÁBADO E DOMINGO,
24 E 25 DE DEZEMBRO DE 2016

PORTAS ABERTAS PARA

INSTITUIÇÃO DE ITAJAÍ promove campanha para acolher um idoso na ceia de Natal e proporcionar momentos de alegria e aconchego a quem não tem a companhia de familiares para celebrar a data



Dona Abigail terá a companhia das irmãs Sany (E) e Keitty neste Natal.

KARINE WENZEL
karine.wenzel@diariocatarinense.com.br

Foi necessária somente uma visita para que as irmãs Sany Lima e Keitty Siemann se apegassem a Abigail Miziara de Freitas, 85 anos. Com as lembranças consumidas pelo Alzheimer, Abigail vive o presente. Mas neste Natal será diferente. O port retratos que receberá de presente das irmãs, que a conheceram neste mês, vai reacender uma lembrança: o Natal da idosa com direito a ceia, amigo-secreto e familiares das duas irmãs.

A celebração com ares tradicionais terá um sabor diferente para dona Abigail, que vive no Asilo Dom Bosco, em Itajaí: será a primeira

fora da instituição em três anos. Ela faz parte do grupo de idosos da entidade que não têm familiares ou foram abandonados. Para proporcionar o acolhimento deles, a casa, que existe desde 1936, promove há sete anos a adoção para as comemorações de Natal. Neste ano, a campanha é aberta à comunidade pela primeira vez.

Antes, ficava restrita aos 58 funcionários da casa e 15 voluntários. Dos 78 idosos do Dom Bosco, apenas 14 devem passar o Natal com a família ou pessoas próximas neste ano. O restante fica à espera de irmãs como Sany e Keitty.

– Primeiro, a gente busca a família para mostrar a importância dos idosos saírem daqui para passar a data com eles. Os que não têm família ou os que a gente não tem sucesso, aí sim vemos quais

pessoas poderiam acolher – reforça a coordenadora do Dom Bosco, Muriel Duarte.

A funcionária pública Sany e a dona de casa Keitty não tiveram dúvidas em receber Abigail. Neste dia 24, a idosa participará do amigo-secreto da família delas, receber presentes (além do port retratos, ganhará um vestido) e celebrar. Para as irmãs, é a oportunidade de fazer o bem e ajudar:

– Ficamos muito emocionadas, porque no olhar a gente percebe as carências. Eles recebem muitos presentes nesta época, mas a parte do carinho é o que mais precisa – diz Sany.

A relação de Sandra Alexandrina, 48 anos, com a casa de repouso começou há mais tempo. No Dia do Idoso de 2013, a empresária, que trabalha com deco-

ração de eventos, recebeu uma ligação para alugar uma máquina de algodão-doce para a entidade. Não cobrou o aluguel e, desde então, organiza e decora os eventos do Dom Bosco, além de participar nas danças e até ajudando a alimentá-los.

Neste Natal, deu mais um passo e decidiu levar três idosos para o Natal em sua casa, até então restrito aos familiares mais próximos: – É para tentar diminuir um pouco a tristeza deles. E a nossa recompensa é muito maior, além da alegria de estar com eles.

A coordenadora Muriel destaca que a iniciativa também é importante para trazer novos voluntários para a instituição. E lembra que há outras datas como Páscoa e Dia das Mães que também são fundamentais para a boa ação.



OS BONS VELHINHOS

Receber se tornou tradição em família

Maria Vergínia dos Santos anda sempre acompanhada de uma boneca. Com 83 anos, acumula surdez, demência e quase 10 anos na instituição, mas não perde a doçura. No Natal de 2014, ganhou da aposentada Fátima Duarte uma cadeira de praia infantil para acomodar seu corpo miúdo.

— Neste ano, dona Maria passará mais uma festa com a família da aposentada, que nem cogita parar de receber os idosos no Natal, boa ação que pratica desde 2009.

— A gente prepara rosca e bolo para eles comerem tudo o que têm direito. A festa de Natal já transborda o coração da gente, com eles mais ainda. No fim, é mais gratificante para gente, que acolhe, do que para eles, porque faz muito bem — conta Fátima.

— A aposentada é voluntária e ajuda a instituição o ano inteiro, quando aproveita o tempo livre para costurar cortinas, roupas e acessórios para os idosos.

— No próximo ano, quero levar todos eles e, se der para dormir, melhor ainda. Tenho que vir buscar de ônibus — brinca.

Outros funcionários e seus familiares também abrem as portas para os idosos. É o caso da psicóloga da entidade, Aline Emílio. Ela prefere decidir em cima da hora quem vai convidar. Ao passar para preparar a decoração no refeitório no dia 25, vê quem está sozinho e convida para ir na casa da sua família almoçar. A idosa Lourdes Juthel, de 72 anos, vai passar a data com uma sobrinha, mas lembra com carinho do Natal em que esteve com Aline e toda sua família:

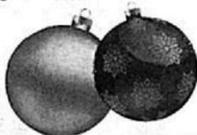
— Aline me convidou e eu fui. A comida era muito gostosa. Eu brinco e, se tiver que dançar, eu danço um pouco também.

A coordenadora da entidade reforça que é preciso respeitar o perfil e a vontade de cada idoso, além de promover esse contato prévio entre os velhinhos e quem deseja acolher para garantir que todos se sintam confortáveis.



A ceia de dona Lourdes será ao lado de Tânia (E) e Aline

Fátima convidou dona Maria Vergínia a passar a data em sua casa



COMO AJUDAR O DOM BOSCO

Ligue no telefone (47) 3348-1832 ou envie e-mail para contato@asilodambosco.com.br

Perda de vínculos e afastamento dos parentes exigem reforço de instituições

O afastamento do convívio e das relações afetivas e familiares é um quadro comum nas instituições de longa permanência para idosos. Assistente social da equipe do Núcleo de Estudos da Terceira Idade (Neti) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Maria Cecília Antonia Godtsfriedt afirma que, nesta época do ano, muitas vezes o cenário é de ainda mais entristecimento e queixas diante da perda de vínculos. Assim, iniciativas como a do Asilo Dom Bosco são positivas para que eles também percebam o clima natalino.

— Toda movimentação intergeracional que se tem e que foge daquele fluxo médico e de atendimento que eles têm é um acréscimo positivo para o idoso. Ele pode, de uma certa for-

ma, mesmo que momentaneamente, vislumbrar a possibilidade de novas relações sociais e pessoais — ressalta a especialista.

Mas nem sempre é possível. Na instituição de idosos da Sociedade Espirita de Recuperação, Trabalho e Educação (Serte), em Florianópolis, dos 55 velhinhos, 41 têm alguma demência, o que dificulta a adaptação, explica a coordenadora da entidade, Rosarita Bousfield. Ela observa que no máximo 20% dos idosos passam o Natal com a família. O restante ceia na instituição, que promove festas e dá presentes aos velhinhos com a ajuda de voluntários.

— Nesta época do ano, as pessoas ficam mais sensíveis e nós temos muitas pessoas que colaboram — acrescenta.



CLIPPING DIGITAL

Notícias de 24/12

Floripa ontem e hoje: historiador conta as transformações políticas e sociais da cidade

Notícias de 25/12

CD com os sambas do Carnaval 2017 de Florianópolis está à venda

Conheça catarinenses que decidiram continuar no mercado de trabalho após os 60 anos de idade

A solidariedade facilitada